

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. Nas redes do sexo –
os bastidores do pornô brasileiro.
Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Edson Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba – Faculdades Nova Esperança

Nem sempre aquilo que se consome é aquilo que se critica. Geralmente não se tem o costume de problematizar o produto ao qual se dedicam algumas horas do tempo cotidiano, dentro da esfera que se denomina comumente de “lazer”. É sobre isso que a antropóloga social María Elvira Díaz-Benítez irá tratar em *Nas redes do sexo – os bastidores do pornô brasileiro*, livro que se debruça sobre um objeto que, na maioria das vezes, está a serviço do entretenimento e do prazer do espectador: as produções pornô, mais especificamente, aquelas feitas no Brasil.

Nesta resenha, proponho um olhar ao mesmo tempo descritivo, panorâmico e analítico sobre o livro de Díaz-Benítez, me aproximando daquilo que Foucault denominava como o exercício do cientista, ou seja, fazer a crítica e a problematização das coisas significa tornar os gestos fáceis demasiadamente difíceis (Foucault, 2003). Esse propósito será lembrado pela autora no trato com o tema abordado, como veremos a seguir.

Nas redes do sexo foi lançado no ano de 2010 pela editora Zahar. O estudo é uma adaptação da tese de doutorado da autora, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. No livro, Díaz-Benítez estabelece uma reflexão sobre o cinema pornô brasileiro através do que chama de “uma rede do sexo”. Rede pela qual ela estabelece um percurso etnográfico, cujo objetivo é o de capturar depoimentos de atores, produtores, diretores e outros profissionais que atuam nessas produções, apreendendo como essas ações são processadas, e quais são as suas implicações em um contexto mais amplo, em articulação com campos temáticos como o dos estudos de gênero, consumo, capital, práticas eróticas, entre outros.

A obra possui 239 páginas no total, divididas em nove partes e quatro capítulos (1. preliminares; 2. transa; 3. consumação; 4. elenco), além do prefácio, escrito por Gilberto Velho. É importante dar visualidade a esta divisão, pois o livro e o seu tema tomam um contorno relevante, pela forma como a pesquisadora organiza o seu trabalho. Ou seja: a divisão em quatro capítulos reflete um pouco do percurso em que o trabalho de campo ocorreu. O tema de como a pesquisa de campo explica a organização e exposição do conteúdo do livro voltará nos próximos parágrafos.

Vale ressaltar uma primeira divisão, sob a rubrica “fases”, reveladora de como os filmes pornô se constroem, desde o planejamento das produções, até o material pronto e distribuído. De modo análogo, o texto é dividido em “pré-produção”, “produção” e “pós-produção”. Levando adiante essa ideia, a autora ainda considera subdivisões: desde o planejamento das cenas, passando pela escolha dos atores; do processo de filmagem do sexo, até a produção das capas dos filmes; indo até a distribuição e comercialização desse material.

Nesse sentido, os três primeiros capítulos seguem basicamente as etapas de uma cena pornô típica (preliminares, transa e consumação). Esse tríptico serve como chave para que a pesquisadora possa adentrar nas produções de filmes pornô nacionais. Segundo ela mesma, “essa equação será utilizada como modelo para descrever e analisar o processo de produção de filmes pornô” (Díaz-Benitez, 2010, p. 14).

No primeiro capítulo, com o sugestivo título de *preliminares*, a autora irá tratar do processo de recrutamento dos atores, além da preparação para as filmagens e a encenação propriamente dita. Do asseio dos atores antes de começar a cena, sua preparação física e psicológica, passando por aqueles que ficam atrás das câmeras, cuidando da captação das imagens. Como é feita a busca pelos atores e de que maneira funciona o processo denominado de pré-produção dos filmes.

O capítulo seguinte, intitulado *Transa*, apresenta a forma como o sexo é tratado nas cenas. Questões interessantes são ali discutidas: como os atores aprendem a fazer uma boa encenação, de que maneiras isso é feito, quais as implicações de gênero, além do papel do risco nessa situação. Como esse sujeitos lidam com as expectativas de se fazer uma cena de sexo bem feita, levando em conta a transa no pornô enquanto uma *performance* e também uma coreografia? Quais são os papéis de gênero, classe, etnia, geração que estão implicados no interior dessa *performance*? De que formas isso fica implicado no estímulo que se pode dar a uma cena bem feita (ou o seu inverso)? Como uma encenação pode não dar certo pelas implicações étnicas, de gênero que nela podem estar em jogo?

O terceiro capítulo é dedicado à pós-produção dos filmes pornô nacionais, com ênfase na forma como são pensadas as capas dos filmes e como funciona a distribuição em território brasileiro. Cabe salientar que, antes desses tópicos, a pesquisadora inclui nessa terceira parte o ponto culminante da transa, que dá título ao capítulo: a *Consumação*. O gozo, a ejaculação masculina e feminina, tudo isso é tratado através desse termo. A autora destaca o gozo enquanto consumação da coreografia, sobretudo masculina, e como o feminino se coloca dentro desse momento que, por excelência, se tornou um momento do homem, representado pela ejaculação, geralmente retratada de maneira farta, em *clases* e, de preferência, em cima do corpo da mulher.

Finalmente, o quarto e último capítulo é dedicado a um percurso biográfico sobre o elenco. Díaz-Benítez vai acompanhar mulheres, homens e travestis que atuam em produções pornô nacionais explorando alguns pontos. Como alguém se torna um ator ou uma atriz pornô? Qual a história dessas pessoas? Quem são elas? Como moram? São casadas, têm família? O que a sua família acha do seu trabalho? Quais as suas escolhas? O que esperam do trabalho com o pornô? O que acontece depois, quando algumas pessoas decidem sair? Tendo como eixo essas questões, o capítulo é composto por um mosaico de trajetórias que marcam essa rede que a autora tenta articular.

O trabalho de Maria Elvira, como dito no início, tenta perceber o cinema pornô brasileiro dentro de um espectro amplo, o que ela vai denominar de 'redes do sexo', que seriam as interações sexuais e eróticas que indivíduos mantêm uns com os outros, mediadas através de gestos, práticas e produções pornográficas.

A antropóloga estabelecerá assim o lugar das produções pornográficas brasileira no interior dessas redes, ressaltando que o trabalho ficou reservado exclusivamente às redes do sexo nas produções pornô heterossexuais, com algumas ilações sobre as produções homo; escolha informada logo no começo do livro, sublinhando que a pesquisa também não cobriu o sexo bizarro e outras formas de manifestação em produções filmicas.

A leitura do texto demonstra que a autora fez uma grande pesquisa, se aprofundando nos bastidores do pornô nacional, convivendo no cotidiano das produções e podendo captar as falas e os gestos dos protagonistas que fazem esse trabalho. A convivência de alguns meses com agenciadores de *casting*, atores, atrizes, diretores, iluminadores, operadores de câmeras trouxe uma bagagem imprescindível para que a pesquisa ganhasse a musculatura necessária para fazer uma radiografia social do pornô, suas nuances e articulações - aquilo que, como já sublinhado, a autora chama de uma verdadeira "rede" do sexo, organizada em torno das produções pornô.

A rede que se refere Díaz-Benítez tem a perspectiva de abranger um cabedal

de opções que fazem com que o pornô seja visto um ponto de articulação. A autora parte dos bastidores do pornô nacional como uma espécie de trampolim, com o intuito de discutir questões mais abrangentes como as de gênero, etnia, *performance*, práticas sexuais – incluindo aí aquelas práticas não-usuais, como o sexo considerado “bizarro”, não retratado no livro, mas que serve como referência – que estão imanentes nas *performances* dos atores, mas que também estão fora dela, nas casas e nos quartos dos brasileiros.

Pensar a rede do sexo seria refletir sobre o pornô nacional, revelando um *locus* que possui uma complexa teia de relacionamentos, contatos e relações que formam a indústria do entretenimento pornográfica no Brasil, incluindo aqueles que consomem o material e que estão do outro lado da tela, em suas casas. Quais são as reverberações, de um lado a outro, dos desejos e dos interesses dos que estão assistindo e consumindo a pornografia? Como os referenciais socialmente aceitos de gênero, de desempenho sexual influenciam nas escolhas dos consumidores desse tipo de material? E até que ponto eles também estão sendo influenciados pelas atuações visualizadas em cada cena de um filme pornô? Essas são algumas questões que podem ser suscitadas pela leitura deste livro.

O exercício feito pela autora não é de olhar o objeto pesquisado de longe, como recomendava a ciência tradicional, através do distanciamento entre o sujeito e o objeto do conhecimento, muitas vezes esse último sendo preservado por um método científico rigoroso que tinha como propósito “blindar” o objeto da pesquisa contra as subjetividades do cientista. O trabalho aqui apresentado tenta observar de dentro, usando do recurso metodológico da observação participante, que promove a convivência e a interação do pesquisador com o seu objeto.

Interagindo com o seu objeto de estudo, a narrativa e a descrição de Díaz-Benítez é enriquecida por sua participação e aproximação do seu objeto, bem como dos sujeitos participantes: ouvindo as suas histórias, relatando os seus gestos. Seu olhar na “cena” do pornô revela a importância de um relato que não só vai a outra realidade diferente da sua e retorna para descrever o que foi testemunhado, mas que, no caso em tela, faz aquilo que Gagnon pontua sobre o trabalho com a sexualidade¹. O olhar do pesquisador no cenário da pesquisa sobre a sexualidade vai além de uma observação participante tradicional. Para Gagnon, o pesquisador que trabalha com as sexualidades faz aquilo que ele chama de observar o inobservável, trazendo à tona questões talvez sentidas, mas poucas vezes descritas com requintes de detalhes pelo especialista (Gagnon, 2006). Nesse sentido, Díaz-

¹ Notadamente o papel do pesquisador no estudo da sexualidade pode ser visto em Meinerz (2007).

Benítez se associa a uma tradição de pesquisadores que trabalham na Antropologia a etnografia da observação direta de práticas sexuais, notadamente Laud Humphreys (1970) e Gilbert Bartell (1971), entre outros. Seu texto, sua acurácia e sensibilidade no campo de pesquisa revelam uma interpretação precisa e instigante sobre a rede do sexo na qual as produções pornôs no Brasil estão inseridas.

Para concluir, destaco outros aspectos que fazem desse livro uma leitura relevante para os interessados no tema. Em um mundo estigmatizado como o do cinema pornô no Brasil, Díaz-Benítez mostra, através de sua observação, aquilo que muitas vezes as cenas dos filmes e a camada de verniz do estigma oculta: que essas produções também são feitas por pessoas de carne e osso. Que possuem os seus conceitos, preconceitos, inibições morais, interesses e propósitos de vida.

A estigmatização do pornô está na restrição a certos temas colocados como inapropriados ou vistos como não-científicos, mas que na verdade guardam outra interpretação que precisa ser ressaltada. O estigma lançado sobre certos temas como a sexualidade está presente em todos os lugares. Na academia e fora dela. Mesmo com essa constatação, cabe notar que ainda há oportunidades de espaço e de ocupação cada vez mais ampla para trabalhos ousados como o aqui resenhado. O campo vem crescendo muito nos últimos tempos. Muitas outras etnografias com observação participante sobre o sexo estão sendo feitas no Brasil e fora dele, e o espaço para a divulgação e discussão desses temas, na academia, tem se ampliado. Não cabe aqui listar a quantidade de trabalhos nessa linha que estão sendo desenvolvidos no momento. Diante dessa riqueza, fica a sugestão de um trabalho mais aprofundado sobre o estado da arte das pesquisas sobre o sexo que foram e estão sendo desenvolvidas no Brasil, pelo menos nas últimas duas décadas.

Referências

- BARTELL, Gilbert. **Amor em grupo**. O testemunho visual de um cientista sobre o amor grupal, o 'american way of swinging'. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.
- DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. São Paulo: Zahar, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber** (Ditos e escritos, IV). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HUMPREYS, Laud. **Tearoom Trade**. Impersonal sex in public places. Chicago: Aldine publishing company, 1970.

MEINERZ, Nádya Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: UNISC/ Editora Mulheres, 2007, pp. 125-154.